

ENTRE CAMINHOS E (DES)CAMINHOS: REMINISCÊNCIAS DE UMA PROFESSORA-ALFABETIZADORA

Maria Cristina Santos de Oliveira Alves

Daniella Santos Alves

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves

Este trabalho visa socializar a história de vida de uma professora-alfabetizadora da Rede Municipal de ensino do município de Uberlândia, Estado de Minas Gerais – Brasil – utilizando a metodologia da História Oral (HO), ressaltando a importância desta profissional no contexto educacional.

Trabalhar com a metodologia da história oral deixou de ser privilégio só da área da História, hoje outras ciências já utilizam desta metodologia para construir diversos campos de conhecimento, a educação é uma delas, onde a memória através das narrativas tem como objetivo rememorar um tempo vivido.

Ao rememorar temos possibilidade de reinventar nossa história e de compreendermos a nós mesmos, nesse percurso revemos nossas escolhas e nossas ações pretéritas. Neste sentido, Thomson (1997 p. 57) tece algumas considerações sobre a narração quando ela se refere ao ato de recordar:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos o que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser.

É no momento da entrevista (estruturada ou semi-estruturada) que a depoente faz este movimento de lembrança em sua memória ao ser questionada a respeito de sua vida. Retoma a recursos muitas vezes adormecidos em sua memória para trazê-los para o hoje, mas com sua vivência atual. Nas trilhas do pensamento de Benjamim (1986) podemos afirmar que ao narrar sua história, ela retira das experiências que contara e,

assim recorre ao acervo de toda uma vida que não inclui sua própria experiência, mas, também as dos outros.

Configuram-se como sínteses desses contextos quando falamos da história, querem seja elas individuais, sociais ou coletivas, são conduzidos para um cenário de lembranças, acontecimentos, narrativas, depoimentos e, também, de situação do tempo presente. É transitar no tempo e no espaço. Nesse sentido Portelli (1997) nos coloca que

[...] A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim com as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (p. 16).

Outro elemento fundamental ao trabalho que toma a metodologia da HO como princípio, é a importância da memória nesse processo de se propor retomar o passado, mesmo que recente. Pela abordagem da HO, a memória é compreendida como trabalho, tal como Bosi (1995) a define, este é o processo de rememoração que exige um re-fazer, uma recuperação do passado a partir do que foi até hoje vivido.

Por essa perspectiva, a autora acredita que a memória demanda uma re-elaboração do presente para que possa ser evocada e assumida. Por essa razão, também, a rememoração é tomada como uma situação de reflexão, de novas formulações sobre o narrado, possibilitando, com isso, a quem fala, uma oportunidade de refletir sobre si mesmo e seu passado vivido.

Acreditamos que este trabalho utilizando a metodologia da HO pode ser um instrumento democratizador, por permitir aos grupos reprimidos retomarem suas memórias como possibilidade de modificação social, e, como também afirmou Thompson (1992, p. 22), “[...] *pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.*”

A entrevista que iremos apresentar faz parte de uma pesquisa de Mestrado em andamento que visa reconstruir a memória de professores-alfabetizadores sobre a formação em serviço no município de Uberlândia na década de 1990. Escolhemos esta

entrevista devido a sua riqueza, acreditamos que poderá contribuir para construir e reconstruir a história da formação de uma alfabetizadora, seus saberes e suas práticas.

A professora Genária¹ é filha única de pais semi-analfabetos e separados. Mãe de três filhos, viúva. Foi alfabetizada na zona rural, na fazenda dos Dourados pelo seu tio. Iniciou sua carreira de professora alfabetizadora em 1949 com treze anos de idade, auxiliando seu tio professor, pois sua idade não permitia que assumisse uma sala. A professora teve que afastar do cargo de professora, pois era muito nova e as leis não permitiam, regressando em 1958 a convite de um parente e em 1960 ingressou como professora na rede municipal atuando até 2004 quando se aposentou. Coursou o magistério, ainda não possui um curso superior e relatou que seu grande sonho é fazer faculdade, mesmo seus filhos não a apoiando, agora que aposentou acredita ser possível realizar este sonho.

Após apresentarmos a Professora Genária iremos descrever um pouco como foi realizada a entrevista. Ela foi concedida pela professora em sua residência, apenas em um encontro com a ressalva de que se fosse necessário retomáramos. Apesar da tranquilidade de sua residência a entrevista foi interrompida algumas vezes devido a campainha que tocou, o telefone, o armário que caiu na ajudante e a própria ansiedade da depoente, mas ao final conseguimos o desejado. O primeiro contato com a depoente foi por telefone, explicamos em que consistiria a pesquisa e quais eram nossas intenções.

No momento da entrevista foi apresentado um roteiro para que ela pudesse direcionar sua narrativa, sem que fosse interrompida a menos que algo ficasse confuso ou que tivesse algo a acrescentar. A vigilância epistemológica é uma tarefa correlata a pesquisa científica, o investigador ao optar por determinada metodologia, deve conhecê-la no seu ímpeto, suas congruências e incongruências. Assim, após realizar as entrevistas na HO², deve ser feita sua transcrição preservando ao máximo a narrativa do depoente sem interferências do entrevistador, conseqüentemente acontece à devolutiva desta entrevista, em que entrevistador e entrevistado juntos fazem a primeira análise da mesma e autoriza sua publicação em forma de texto ou usando seus fragmentos.

A educação brasileira na década de 1960, período em que a professora Genária inicia sua carreira profissional, tem como contexto histórico à discussão sobre a educação popular. As temáticas eram norteadas para a questão qualitativa em relação ao

¹ Iremos utilizar o pseudônimo de Professora Genária, com o intuito de resguardar sua identidade.

² Para se inteirar melhor sobre a questão ética em História Oral, ver: Portelli (1997) e Bom Meihy (2005).

ensino, se manifestando nos grupos que assumia direções diferentes. Podemos citar como exemplo, destes grupos os elementos remanescentes dos que, na primeira década do século XX, pugnavam em favor da difusão da instrução popular para livrar o país do “cancro do analfabetismo”; assim retoma-se o “entusiasmo pela educação” em sua formulação simplista.³

No contexto político o retorno ao estado de direito com governo eleitos pelo povo; mudança no modelo econômico houve um desenvolvimento entra a contradição com a internacionalização da economia, como exemplo as multinacionais no governo de Juscelino Kubitschek.

Na próxima década, com a escassez de recursos para a educação e, durante a década de 70, sob o enfoque comportamentalista da mesma, a formação de professores sofre influência das ciências sociais, sobretudo, no enfoque funcionalista. Vale destacar que, na década de 70 e início da década de 80 do século XX, houve muitas discussões acerca dos instrumentos de formação de professores.

A construção da formação de uma professora-alfabetizadora: história de vida

A análise que iremos apresentar foi realizada respeitando alguns temas surgidos na entrevista. Sempre com um olhar direcionada ao espaço sócio-cultural, o tempo histórico, sua formação e seus saberes.

A professora Genária ao iniciar o relato de sua historia de vida, rememora lembranças dos seus primeiros anos de ensino, da formação básica, demonstrando como esses acontecimentos estão vivos em sua memória. Nesse percurso diacrônico demonstra qual o papel da escola, sua importância e porque estava naquele contexto

Ah... eu estudei na zona rural, na fazenda dos Dourados na escola Municipal de dourados. O meu professor era meu tio eu estudei de 1ª a 4ª séries, mas era o... a cartilha. Você vai ler aqui, ensinava a gente poucas vezes, a pessoa tinha que aprender a ler, fazer as contas, a tabuada tinha que ser decorada, nesta época existia a palmatória.

³ Ver Paiva, Vanilda. História da Educação Popular no Brasil. Editora Loyola , ed. 2003.

A professora-alfabetizadora Genária, nos mostra as recordações de quando alfabetizada em uma escola autoritária, rígida de uma metodologia tradicional, em que a professora se preocupava com os conteúdos orais, sua memorização e os exercícios estruturais repetitivos levavam os alunos a memorizarem o conteúdo.

Sua trajetória enquanto professora iniciou aos treze anos de idade como auxiliar de se tio professor.

Eu tinha aquele entusiasmo, aquele... É... Lutei muito. Quando eu terminei a 4ª série trabalhei um ano com ele, mas como não tinha idade, tinha só treze anos, as leis não permitiam... Da prefeitura, ai, eu deixei.

Podemos perceber neste fragmento que a professora iniciara sua carreira sem a formação necessária para tal função. De acordo com Saviani (2004) com a Lei Orgânica de 1946, a Escola Normal seria organizada como um ramo de ensino profissional, buscando habilitar professores para o trabalho com crianças de ensino primário; essa formação procurou ser uniformizada em todo o país.

Mesmo com a instituição da Lei Orgânica de 1946, no interior ainda existiam professores atuando sem a devida formação exigida pela Lei. Como nos relata a professora Genária

Aí depois, uns oito, nove anos, uma parenta minha, lá de Martinésia, porque na zona... Nos distritos não tinha professor, ninguém formado ali, e não tinha, na região não tinha ninguém pra trabalhar. Ficava o ano todo, uma série sem professor. Porque antes trabalhava multiseriada, as salas de primeira a quarta, todo mundo junto. Aí depois que dividiu, era um professor pra cada série, então não tinha professor e aquela série ficava sem aula. O distrito de Cruzeiro dos Peixoto era pertinho, ficava sem professor também. Na época que eles foram me contratar, perguntaram: Vai pro Cruzeiro ou pro Martinésia? Aí ela falou assim, não. Martinésia. Então, eu fui pra Martinésia. Trabalhei com ela dois anos em Martinésia, ela me orientando,

porque na época era só quarta série. Aí eu comecei a estudar ali pro... Arrumei um professor particular, porque antes tinha que fazer admissão, pra começar de quinta a oitava. Fiz admissão, passei aí meu pai não aceitou eu ficar em Uberlândia, pra estudar, continuei trabalhando, continuei trabalhando, sem... Depois casei aí eu já tinha sido transferida pro Cruzeiro dos Peixoto. Tinha três filhos, e o menor estava muito pequenininho. Aí eu já trabalhava no Estado, e o Estado exigia também uma formação, mas tinha que ser feita em Belo Horizonte. Aí eu não podia ir à Belo Horizonte, não tinha como deixar as crianças pequenas. Aí continuei novamente, sem fazer esse curso em Belo Horizonte. Mas, só que a prefeitura, organizava no período de férias para os professores o curso, mais o curso era uma aula, esses cursos duravam dois meses, se fosse hoje seria como um ano de estudo ou mais. Preparava a gente bem, pra continuar, então você voltava tão empolgada, tão entusiasmada com aquele curso que você fazia, o trabalho rendia o dobro.

Percebemos nesta narrativa que a trajetória da professora foi imposta de uma maneira sutil, primeiramente pelo seu tio que a colocou como auxiliar de sua sala, apesar de sua pouca idade e segundo por sua parenta que a convidou para trabalhar no distrito de Martinésia. Sem formação e possíveis escolhas, pois seu pai não a apoiava ela acabou cedendo ao que lhe foi oferecida sem mesmo questionar se era aquilo mesmo que queria para si.

Com o tempo veio à idade, o casamento e os filhos e ela se viu trabalhando em dois turnos em instituições diferentes, a rede Estadual e Municipal, com isto o desejo de continuar estudando postergado, realizando como formação cursos de férias que lhe eram oferecidos pela instituição, pois só assim poderia continuar trabalhando e cuidando dos afazeres domésticos.

De acordo com Almeida (2004), a instrução da mulher deveria primeiramente se reverter em benefício da família, o bem estar do marido e dos filhos e posteriormente a outros afazeres que não fossem os domésticos, num espaço restrito que lhes tolhia a liberdade e a expansão de sua inteligência e seu talento.

Neste sentido a professora ao ser indagada se concluiu o curso de magistério, ela relata que

Não era, era um curso... Assim, um curso de férias, as diretoras das escolas estaduais faziam parte deste, a gente tinha que ter a didática, tinha que dar uma aula pra elas assistirem, pra ver se a gente seria aprovada no exame, na prática de sala de aula. Então, foi muito difícil, muito mesmo. Era preferível estar fazendo uma... A série certinha de quinta a oitava, ou o magistério, ou continuar, do que fazer esses cursos daquela maneira, mas a gente não tinha outra opção. Então, nós só continuamos fazendo desse jeito. Logo começou... Então, a gente ia... Eu fiz esse curso. A gente vinha, estudava, estudava, porque tinha que fazer as provas. Se não tirasse acho que era setenta... Oitenta pontos, você não passava, você tinha que estudar novamente, outro livro diferente. Se você não passasse, aí eles refaziam o curso de novo, pra gente poder fazer. Então, a gente tinha que estudar demais, demais mesmo pra poder conseguir. Então, o que eu achei mais difícil foi isso, ter estudado sem o professor. Porque estudar dentro de uma sala, com o professor te explicando matéria por matéria é bem mais... Assim... Mais fácil pra gente e mais produtivo, porque você aprende mais. Agora tudo decorado, na hora da prova você saber de tudo aquilo... Aí eu fui trabalhando direito e fazendo o curso e mais cursos e reuniões, e direção em cima. Eu acho que naquela época, era muito mais apertado pro professor, do que hoje. O professor não tinha nem tempo pra clamar salário.

A professora relata que esse curso não foi fácil, pois não contava com a ajuda de colegas, supervisoras, orientadoras e principalmente da direção da escola, foi um tempo muito difícil em que tinha de trabalhar, viajar para estudar e ter uma prática condizente com a de um professor formado. Não se tinha um cuidado com a formação e a carreira destas professoras que atuavam na educação básica é como se esta formação não fosse à

base para a constituição futura das novas gerações que dependem destes profissionais. Concordamos com Gatti (2000) quando nos coloca que

[...] Com relação à formação e a carreira de professores, seus salários e condições de trabalho (local, infra-estrutura, material didático), as iniciativas têm sido, até aqui, mais que modestas, como se professor se fabricasse por um passe de mágica ou como se um sistema educacional, que é a base de uma nação, pudesse funcionar sempre através de “quebra-galhos”, “dá-se um jeitinho”. (p. 5)

Portanto, o que podemos concluir com esta breve lembrança da professora Genária é que o ser professor se constitui em diversos locais com as mais diversas pessoas e situações. Sua trajetória foi marcada por várias dificuldades que não a impediram de cursar o magistério mesmo depois de atuar muitos anos sem ele. A universidade ainda é um sonho, que talvez consiga realiza-lo.

Quanto a sua formação continuada ficou muito a desejar, uma vez que, não concluiu um curso superior em que sua prática pudesse ser contemplada a uma teoria. Assim, mediante as condições sociais, econômicas e históricas Genária fez ao longo de sua trajetória cursos, seminários, palestras, encontros de professores oferecidos pela própria instituição.

Os cursos voltados para a formação dos professores deveriam ser implantados em projetos oriundos da própria instituição escolar em que estes professores estão inseridos e que não sejam um conjunto de ações esporádicas e dependentes da vontade de secretarias municipais ou estaduais de educação.

Hoje, os cursos iniciais de formação de professores são de responsabilidade das Universidades e estes deveriam ser mais próximos da realidade escolar, a formação continuada dos mesmos deveria ser pensada primeiramente por aqueles que fazem a educação básica acontecer efetivamente, ou seja, o professor.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Jane Soares. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BOM MEIHY, José Carlos Sabe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 5ª ed., 2005.

BOSI, Ecléa. **Memórias e Sociedade – lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como gênero. In: **Proj. História**. São Paulo: EDUC v.22, 2001.

SAVANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n.15, pp.51-84, abril/1997.